



# O Gaiato

8 DE ABRIL DE 1967  
ANO XXIV — N.º 602 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Tribuna de Coimbra

Pela simplicidade, pela generosidade, pela fé e pela verdade reveladas, nesta carta que o correio trouxe, não resisto a dar-vos-a a saberear:

«Queridos amigos: Há dias vi-vos a oferecer «O Gaiato» e vi também como quase todos passavam por vós indiferentes. Eu fui um deles. Mas voltei atrás e pedi-vos um jornal e dei-vos uma pequena quantia. Podia ter dado mais e não dei. Hoje envio-vos vinte escudos para a vossa obra de Carpintaria e mais vos daria se pudesse. Não esqueço também que foi na vossa Casa que almocei um dia.

E peço-vos apenas a esmola das vossas orações a Deus, para que Este me ajude a ser sempre generoso para com os meus irmãos mais pobres.

Abraça-vos a todos sem distinção este vosso amigo que também não se esquecerá de vós nas suas orações.

Pedi a Deus para que faça dos meus filhos, ainda pequeninos, dois bons sacerdotes. Agradeço-vos de todo o coração».

A carta parece de pessoa humilde. Só os humildes são capazes de ouvir e entender a voz de Deus. Toca num assunto que várias pessoas já me têm abordado: a indiferença que a maior parte mostra para com os nossos vendedores que oferecem o jornal (e até há quem os insulte). Muitos não entendem que os pequenos andam à procura de pão para si e para os irmãos que estão em Casa, pão que é o produto do seu trabalho e do escudo (se não há gorgeta) que recebem pelo jornal. Há quem tenha dito aos maiorzinhos: vai trabalhar que já tens bom corpo; como se a venda do jornal não fosse trabalhar e um trabalho duro.

A carta revela fé. A generosidade, embora seja em parte conquista nossa, é um grande dom de Deus. Dom que se pede e se procura merecer. É uma grande prova de generosidade está revelada na ânsia dos dois filhinhos bons padres. Está aqui centrada a disponibilidade dos pais: a entrega dos filhos a Deus para o Seu serviço. Não somente pede que sejam padres, mas sim bons padres. A grande necessidade não é o número mas sim a qualidade. Padres que não sirvam a família nem se preocupam como o alqueire, mas padres dados totalmente a servir. Eis a lição de fé deste pai!

Padre Horácio



Tão vivas — e plenas de naturalidade — as expressões de Pinho e Bartolomeu, na opereta! Dispensariam legenda. São um autêntico quadro vivo.

## FESTAS

Resende, nosso chefe e compositor-mor d'«O Gaiato», persegue-me por original a tempo e horas; mas, vá lá, ajuda-me, sugerindo o elenco do que hei-de escrever.

Porque as Festas ainda estão a meio caminho, tal epígrafe é uma das que me marca — e eu acho bem. O pior é que me falta a inspiração de sobre o que discretar — e essa não me dá ele.

É agora Júlio quem toma a palavra, perante o meu queixume: — Olhe este postal!

«Também queremos 3 primeiras plateias para a próxima Festa. Mas mais à frente que as que mandaram para a anterior. Se não vierem melhores, então é que temos «festa»...».

Na verdade pode a imaginação sofrer eclipse. O interesse dos que verdadeiramente nos amam, não senhor. Assim como este nosso correspondente, que nos «bombardeia» com tão apaixonante ameaça, são muitos, graças a Deus, os que, tendo assistido à primeira Festa no Coliseu, se preparam para a segunda com a gulodice despertada por aquela, que tomaram como aperitivo.

Isto é um estímulo admirável e uma recompensa bastante de todo o esforço e perturbação que as Festas representam. É o gosto de convívio; é o interesse pelo trabalho dos Rapazes — a dizer que a presença de cada um à Festa não tem nada de cumprimento meramente ritual, antes se trata de uma devoção que, quanto mais se pratica, mais desenvolve o desejo de praticar-se.

Júlio afadiga-se na tarefa da propaganda. Eu acho que assim tem de ser nas terras aonde vamos pela primeira vez. Mas nas outras e mais no Porto..., penso que basta fazer chegar a todos os que têm olhos e ouvidos que vai ser a Festa. De resto, dois Coliseus ainda deixam de fora muitos pretendentes a um lugar.

Eu digo isto contente, mas humilde, como quem reconhece um facto verdadeiro e dá graças por ele e sente a

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

## África

Estou a escrever de Luanda, esperando o avião militar que nos levará a Lourenço Marques. Instalado na «ilha», no jardim da Casa de um amigo da Obra, vejo na minha frente a magnífica baía com o seu riquíssimo porto e ao longe, em moldura semi-circular, a linda capital de Angola.

Na baía, em agitada azáfama, passam barcos de pesca, de recreio e de turismo. A praia, de fina areia branca, é povoada a estas horas por um sem número de luandeses que aqui vêm tomar

o fresco e o descanso. Os meus olhos caem nas águas mansas da baía, onde à noite a luminosidade da cidade se afunda e multiplica um impressionante colorido de sonho!...

Eu reavivo as inapagáveis impressões de Angola.

Não viemos a África fazer turismo nem tão pouco uma viagem de estudo; preocupamo-nos com o trato humano e não perdemos as oportunidades que as deslocações nos proporcionaram. Não quero fazer juízos, nem me parece ter dados suficientes

para emitir opiniões acerca dos problemas angolanos. Tenho apenas impressões. Impressões de beleza, de grandeza e de riqueza que esta província tem reservada a quem a quiser amar, explorar e descobrir. Impressões de uma tarefa para que temos possibilidades se não faltar o ideal. Tarefa que é também de promoção humana e evangelização dos Pobres. Pobres que o são por falta de cultura, conhecimento de si próprios e estima da sua grandeza humana.

O trabalho da «Obra da Rua» tem sido, em toda a parte, uma tarefa de promoção humana em toda a dimensão, e assim, um testemunho do Evangelho.

Recebi, outro dia, uma carta de Rogério com um desabafo saído do seu coração cheio de ideal: — «Como me impressio-

Continua na SEGUNDA pág.

# Colaboração dos Leitores

Quando do jornal do aniversário, compôs-se o que aí vai e então não coube, e agora não há coragem de deixar debaixo do alqueire — lugar para que não é a luz.

## LIDO DE FIO A PAVIO

«Agora que as férias terminaram cá estou a pôr em dia a minha assinatura do «Gaiato».

Creio que lhes siga as pérgadas na organização desorganizada, por isso só de vez em quando dou sinal de vida. Não os esqueço todavia, e o jornal é lido de fio a pavio e com pena que seja tão pequeno. Se não os ajudo mais é porque estou bastante sobrecarregada de cotas e coisa semelhante, por isso vocês que estão mais longe vão ficando prejudicados, até porque é preciso escrever e isso para mim torna-se difícil.

Rezo por vocês e na Santa Missa também lá são colocados.

A todos vós os envolvo no carinho amigo da que lhes deseja saúde e alegria».

×

## SAUDAÇÕES

«As minhas saudações para todos os que por Jesus Cristo trabalham nessa gigantesca Obra, extensivas a todos aqueles rapazes que o Senhor chamou a dela fazerem parte e aos doentes que por misericórdia de Deus estão internados no Calvário.

Que este 1967 pelo Amor de Deus, seja para todos vós um ano de abundantes Bençãos do Céu».

×

## DÍVIDA CONTRAÍDA

«Muito obrigado pelo seu cartão de há meses. Nem sei já há quanto tempo deixámos de «aparecer»; um ano talvez! Os trabalhos de preparação para o doutoramento têm-me obrigado de tal maneira que toda a nossa vida se alterou. Já requeri as provas no início deste Verão e aguardo agora que elas sejam marcadas: Só depois disso poderemos pensar em normalizar a vida.

O tema da tese — naturalmente, de índole científica — foi fortemente dominado, no seu tratamento, por uma preocupação fundamental pelos problemas que o homem enfrenta numa sociedade moder-

na. No período de estudo e meditação que estes últimos anos comportaram eu tive de me debruçar sobre os esquemas técnicos mais abstratos e, simultaneamente, de procurar sólido apoio na observação das realidades do dia a dia. Creio que a leitura do «Gaiato» me ajudou muito, neste domínio, pelas situações concretas que a cada passo recordava, pelas dúvidas que me obrigava a formular e pelas interrogações, sem resposta, que me suscitava. É mais uma dívida que contraímos perante a «Obra da Rua».

×

## UMA TRABALHADORA SOCIAL

«Em vale de correio seguem 1.500\$00 que a essa Casa destinei para formação social e humana que o jornal «O Gaiato» tem ajudado a desenvolver em mim. Peço que orem para que o meu trabalho de ensino dê saúde às mulheres do meio fabril e resulte em grande utilidade para todas. Peço que registem este dinheiro como de Anónimo».

×

## A LEITURA NÃO É COM DINHEIRO QUE SE PAGA

«Serve esta para enviar 100\$ para pagamento da assinatura do meu jornal do ano corrente; os 100\$00 não pagam nada pois a leitura do «Gaiato» não é com dinheiro que se paga mas sim talvez praticando o que ele ensina.

×

## «O GAIATO» E A FAMÍLIA

«Como estou em vésperas de seguir para o nosso Ultramar peço-vos, com apaixonante interesse, que me encomendeis

a Deus nas vossas orações, para que Ele, do Seu Reino de Glória, vele pela minha humilíssima pessoa.

— O vosso jornal continuará a ser remetido para mim e para a minha direção habitual, por questão de interesse na sua leitura por parte de pessoas que constituem o meu pequeno agregado familiar.

—Despeço-me desejando-vos inúmeras felicidades e ficando ciente que satisfareis o meu pedido».

×

## PARTILHEI DA ALEGRIA

«Recebi o saco com roupa; os interessados aceitaram-no com o maior reconhecimento e espontaneamente disseram: — vamos ouvir Missas pelas suas intenções e sei que o fazem. Creio que partilhei da alegria e agradecimento deles, como se a roupa fosse para mim.

Colega ded.º em Jesus Sacerdote».

×

## Ó DELICADEZA!

«Peço-lhe desculpa de só agora dar uma resposta a este cartão, para pôr em dia a nossa assinatura. Digo nossa assinatura, porque meu marido é o assinante, mas o jornal está a meu cargo e eu é que o devia ter pago há muito, no que me desmazelei e por isso passamos por caloteiros.

Envio um vale de quatrocentos escudos e peço o favor de dizer quanto ficamos a restar para a nossa actualização.

Pode ser mesmo pelo jornal para não haver mais trabalhos nem despesas, pois nós não o merecemos. Faz favor de dizer um «caloteiro que quer actualizar a sua ficha resta tanto».

Apesar do meu procedimento, creiam-me uma grande devota do vosso jornal que me faz muito bem».

×

## AGRADEÇO O BEM QUE ME FAZ

«Não sei se devo a assinatura de «O Gaiato». Se devo, venho pagá-la com os 50\$ que junto remeto; se não devo fico sempre a dever-lhe o consolo espiritual que me traz a sua leitura — mas, e de qualquer forma, em dívida ou paga, agradeço o bem que me faz.



Quadros da nossa vida. Júlio tem 15 anos. Terminou o Curso Comercial e frequenta Preparatórios ao Instituto.

Além do estudo, Júlio tem a paixão das pombas. Há dias, trouxeram-nos uns casais de pombinhos. De tão pequeninos que são, não se alimentam por si mesmos.

Todos os dias, no fim da refeição, Júlio vai pelos borrachos, carrega-os sobre os ombros e leva-os para a sua mesa. Abre-lhes o bico e enche-lhes o papo. Habitua-os já às carícias do Júlio não saem de seu regaço.

Gosto de ver o Júlio no meio das pombas e a tratar dos pombinhos como a mãe trata dos filhos. Com as pombas aprende a ser simples; aprende a voar!... Júlio aprende a lição das pombas.

x x x

Recebi mais dois garotos. Eu devia calar-me com receio de protestos daqueles que há meses esperam lugar e lhes tenho dito que não, à espera de ver a Casa Mãe pronta. Mas falo. E tenho a certeza que, se estivessem nas mesmas circunstâncias fariam como eu.

Recebi o Manuel e o Joaquim. Puz os dois a dormir numa cama. É uma violência que fazemos sobre nós mesmos. Não pode ser. Dizemos isto muitas vezes — não pode ser.

Foi a tropa que no-los trouxe das suas andanças pelo Norte e Leste. Não têm ninguém. Absolutamente ninguém. A guerra! Ai, a guerra!

Ao dar a mão a estes dois

Padre Manuel

garotos demos um passo a favor da paz. É que esta não se compra apenas com as armas.

Se em vez de gastares teu dinheiro mal gasto. Se em vez de gozares desmedidamente com o teu dinheiro; se em vez de te pintares tanto como te pintas — te lembrares do Manuel e do Joaquim, vítimas inocentes da guerra..., trabalharias mais pela paz.

Beijo as mãos daquela boa amiga que depositou em nossas mãos 7.500\$00, com a recomendação de que nos calássemos. Mais as daquela, que veio com 2.000\$00 e a mesma recomendação. Mais 10 sacos de cimento de um casal com 9 filhos. Cem escudos a sufragar a alma do Leonel. Mais, 100 «mesada de Ferreira». É admirável a perseverança da Catumbela com 1000+150+100. Mais 50\$00 e este cartão:

«envio esta pequena oferta para mais uns sacos de cimento para o depósito da água, com votos de poderem passar a Páscoa na nova Casa Mãe. Quem nos dera, mas não será ainda nesta Páscoa. Do Lobito, 200. E esta carta enternecedora de uma mãe: «em cumprimento de uma promessa feita pelas melhoras do meu filho que num acidente ia perdendo uma vista, junto envio a quantia de 200\$00». E esta da avó de Moscavide: «envio 500\$00 para comprar o que necessita. É oferecido com todo o meu coração». De outra mãe pela alma de seu filho, 120\$00. Mais 100. Do Lobito, 500 e 1.000\$000, de Benguela.

# África

Continuação da PRIMEIRA pág. *vicção que as grandes riquezas, do homem estão dentro do próprio homem e com elas exploradas, ele é capaz de conquistar as que à sua disposição se encontram no seio da natureza. Parece que por traz deste desabaço está, o sentir natural de um dever pátrio e o desgosto de o ver frustrado.*

nou a sua carta falando-nos da extensão enorme e da riqueza inexplorada de Angola e da tarefa que nos é imposta para merecermos. Que pena isso não ser explicado à nossa juventude, aos meus colegas de Liceu e a todos os jovens de Portugal! Por aqui... é uma tristeza!... Os nossos rapazes não têm ideal!... Não sei onde isto vai parar!... Ainda ontem, um grupo deles na «rua dos ourives» se lembrou de abusar de todas as jovens que passavam pela rua. Isto vi eu com os meus olhos. Como fez pena! — É o sangue rijo e são de um rapaz de 18 anos que frequenta o sexto do Liceu. Ele sabe bem por con-

Hoje luta-se em Angola defendendo-se vidas e civilizações mas a nossa vitória não está somente nas armas. É necessário termos a cabeça bem esclarecida e a vontade bem formada. Vencer-se-á com o amor. O amor.



# Aqui Lisboa

Tenho sido seringado pelos vendedores de «O Gaiato» por causa da nossa Festa no Monumental.

Creio que os nossos amigos de Lisboa têm motivo para andarem inquietos. Por isso, perguntam aos gaiatos quando é que os bilhetes são postos à venda.

Não querem ficar à porta, enquanto outros se encontram com as nossas «estrelas».

O tempo voa e, daí, a inquietude.

Para tranquilidade dos Amigos Alfacinhas, informo que já podem fazer os seus pedidos de bilhetes nos seguintes locais:

Montepio Geral — à Rua do Ouro; Franco Gravador — à Rua da Vitória, 40; Ourivesaria 13 — à Rua da Palma, 13; Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal — Loures — Telefone, 2539019.

Os vendedores do «Famoso» levarão bilhetes para atenderem, pessoalmente, os nossos Amigos.

Abrindo um pouco o pano de boca do Monumental informo:

Teremos este ano maior colaboração dos «Batatinhas» que apresentarão magníficos e variados números musicais e coreográficos.

Os mais velhos apresentarão uma peça de Teatro em 1 acto que muito vos agradará, pela certa.

é sempre fruto de ideal.

Ao passarmos por lugares onde antepassados nossos deram sangue e vidas e ao palpamos a exiguidade de meios de comunicação, de defesa e de saúde sentimos a grandeza de uma Pátria que merece ser amada e engrandecida.

Eu não sabia quase nada de Angola. Não sei porquê. Mas parece-me que ninguém se importou em me tornar conhecida. Esta viagem acendeu o meu patriotismo.

Na verdade como poderemos nós amar aquilo que não conhecemos? Ou como se poderá alimentar um ideal apenas com abstracções? Como me entristece ouvir tantos discursos feitos de ideias gastas a retinir a vácuo e a cheirar a «tacho», falando de patriotismo por aspectos negativos, ou moralistas, explorando o orgulho dum povo.

Porque se não mostra a realidade viva de uma Pátria capaz de a todos os seus filhos dar pão em abundância, largueza ao espírito e ideal à Juventude? Porque se não mostra à juventude a tarefa urgente que dela se espera para vencermos em África e no mundo? Tarefa de descoberta, de conquista e de doação. A juventude apaixonou-se quando se lhes rasgam clareiras. Cria ideais. É capaz de amar.

Padre Acílio

A colaboração das restantes Casas do Gaiato promete ser de categoria.

Agora um conselho amigo: Como já temos muitos pedidos de bilhetes, não guardem para amanhã...

Comprem já os bilhetes para depois não haver zangas.

Combinado?...

Sobre as nossas idas fora de Lisboa já posso informar que estaremos na Amadora, no dia 4 de Abril. Prometem-nos mais enchente do que o ano passado.

Será possível que os nossos amigos da Amadora consigam mais que o ano passado? Parece-me difícil, tal o «calor» recebido.

Porém o amor faz milagres e eles amam-nos muito.

Santarém reclama por não irmos lá.

Este ano será.

Já dei os primeiros passos e aguardo resposta sobre a disponibilidade do Teatro Rosa Damasceno.

Como temos muitos Amigos na capital do Ribatejo, confio no êxito desta estreia.

Atenção, pois, Santarém.

x x x

Há coisas que não percebo! Deixai-me desabafar convosco.

1.º Domingo da Quaresma.

O dia acordou risonho. Os vendedores saíam de casa confiantes, alegres, e vestidos como se já fosse Primavera.

O dia o prometia.

Quase inesperadamente, e já em Lisboa, a chuva e o frio desabou sobre a cidade.

Eu fiquei apreensivo por eles não terem levado gabardines, e ao mesmo tempo, ralhava comigo mesmo por não ter ido ver o «Borda d'Água» ou o «manda chuva» da T. V., como se chama cá em casa ao Boletim Meteorológico.

Aguardei impacientemente o regresso dos rapazes.

Logo que os vi sair da carrinha notei que algo de anormal se passava.

Os seus rostos tristes e o silêncio que mantinham eram sinal de anomalia.

Depois de me cumprimentarem desfecham-me: — «A venda correu mal».

Calculei — respondi. A chuva não vos ajudou e o dia pôs-se frio.

— Sim a chuva e o frio ajudou mas...

— Mas?... Indaguei.

— As pessoas saíam todas a correr da Igreja e...

— E não reparavam em vós, não é? interpelei eu.

— Bem... não é isso... elas reparavam mas não compravam.

— Reparavam? Expliquei lá isso.

— Reparavam porque olhavam para nós quando lhe oferecíamos o jornal e em vez de o comprar diziam:

«Coitadinhos, com este frio e de

calção! E faziam outros reparos que nos magoavam muito».

Só então percebi a razão de ser da tristeza e mutismo dos vendedores.

Não foi o frio, não foi a chuva, foi sim o frio dum falsa e piegas caridade que se limitou a um coitadinho que os chocava e os indignava e a mesquinhava.

Se em vez desta doentia compaixão, lhes tivessem comprado um jornal; se os ajudassem a sentir o calor dum coração que os estimava e os queria aquecer, comprariam um jornal e eles não sentiam o frio e a chuva e o pior de tudo o frio dos corações e a injustiça dum «coitadinho».

Eles sentem que a venda é alguma coisa de muito séria e de muito positiva. Não mendigam. Oferecem aos corações de boa vontade a Mensagem do Evangelho.

Sabem aceitar com a mesma disponibilidade interior tanto o sim como o não.

O que não suportam é que os considerem uns desgraçados dignos de compaixão, mas compaixão que mata nos seus corações ávidos de amor a chama du-

ma esperança e dum amizade cristã.

Respeito pelo seu trabalho e admiração pelo seu esforço e Justiça de trato é o que eles entendem e precisam.

Amor e não compaixão.

Perdoai mas eu tenho de dizer tudo.

Não compreendo como é que se sai de assim viver o Sacramento da Caridade que é a Missa. Receber a mensagem da Caridade pela Liturgia da Palavra e iniciar o tempo da conversão interior ao Amor, como especialmente fomos convidados neste 1.º Domingo da Quaresma; e sai-se da Casa de Deus vazios... vazios...

Porquê, pois; este escândalo de cristãos que passam pelo Senhor, na pessoa dum pequenito e em vez de lhe dar a mão e O amar, O espesinham com um «coitadinho».

Onde a vivência da Eucaristia daquele 1.º Domingo da Quaresma?

Onde as «boas obras» sinal da conversão?

A venda, neste Domingo desceu 50%; eis a resposta!

Não quero ser injusto para com alguém, nem sequer julgar.

Sinto, sim, o dever de alertar para este tempo de conversão e de boas obras que é a Quaresma.

Revisão de vida — rectificação na acção do nosso cristianismo e temos uma Quaresma vivida em Caridade que desabrochará na Glória da Ressurreição do Senhor Jesus.

Só assim haverá verdadeiramente Páscoa.

Padre Abraão

## Filhos de pai incógnito

Os jornais da capital falaram e relataram o julgamento daquela rapariga de 17 ou 18 anos que abandonou o filho recém-nascido. Já não é o primeiro caso destes que os tribunais julgam.

Por amor a estas causas, desejava ser advogado.

Contam os jornais que a rapariga fora condenada, atendendo a muitas atenuantes e à consciência dos juizes, em 2 anos de prisão e mais indemnização pró filho que fora entregue à Misericórdia.

Pois sim senhor, ainda bem que se viu consciências de juizes.

Eles muitas vezes são obrigados a abrir os olhos da cara e a fechar os da razão para lerem a sentença. As leis mandam assim e muitas vezes vai prá cadeia o prevaricador dum lei instituída fora da lógica experimental, porque os códigos não permitem chamar nem inquirir o porquê do fundamento da culpa.

A rapariga é culpada — não resta dúvida.

A falta é grave — nós dizemos gravíssima, por amor do inocente. Mas de onde provém a culpa mais a gravidade senão da permissão da lei, sempre pequenina e interesseira, dos homens?

A lei só tem razão de ser para normalizar e fazer cumprir as normas e estabelecer a paz na consciência dos homens, o que

só é possível dando a cada um o seu quinhão de culpas.

Doeu-nos saber que a rapariga foi prá cadeia; o filho prá Misericórdia. E o pai — onde está ele? Quem o chamou a participar das culpas?

O acto, legal ou ilegal, foi praticado pelos dois. O fruto é dos dois. Não fora o abandono do pai, e talvez que o crime se não desse.

Porque não se sentou o pai no banco dos réus?

O que isto nos diz de dor de consciência! O que aqui vai de revolta das mães solteiras que são mulheres de todos por via dum que um dia lhe prometeu amor, e a abandonou mais ao filho. Tantas delas que os tribunais não julgaram nem os jornais relataram, mas que nós conhecemos por via de nós virem entregar os filhos. E nós pomos as mãos à cabeça e julgamo-nos culpados destes males sociais. E acolhemo-los e chamamos-lhe nossos para que eles se não percam no abandono da Sociedade nem nas malhas das leis.

Ernesto Pinto

Maria Augusta



Começo por uma carta que recebi, e diz assim: «Aqui vão os 20\$00 da mensalidade que me comprometi a dar para as obras, da casa do nosso Irmão aleijado. Que pena faz, ver que os leitores do «Gaiato» em tão grande número, e só 41 corresponderam. Faz pena! Logo que me seja possível mandarei mais umas migalhinhas». Outra senhora continua no mesmo sentido: «Leio sempre com o maior interesse, tudo o que diz respeito a «Ordins» e seus protegidos, e tenho tanta pena não poder ajudar mais e melhor. Vão 100\$00 e conte comigo para a ideia lançada dos 20\$ mensais». Apenas 2 continuam. Creio que não ficam mais pobres por isso. Ao segundo apelo, voltaram com seus donativos 3 pessoas, que já estavam presentes desde a primeira hora. Todos de Lisboa, e «O Gaiato» vai a tantas terras!

Encomendas enviadas: Uma senhora de Lamego, propõe-se arranjar pelas suas amigas, encomendas de chales de bico, dos que agora usam todas as senhoras. Nada mais, nada menos, já foram à volta de 20 para lá enviados. Em Braga, outra senhora fez o mesmo, pedindo 17 chales. E que aqui são mais baratos, que nas lojas! Para conhecimento de todas as leitoras, que os queiram adquirir, vão, novamente, os preços e tamanhos. Grandes 80\$00, médios 70\$00, pequenos 60\$00 cada bico. Temolhos em todas as côres. Póvoa de Varzim, 1 chale; Amora, 1 chale; Lisboa, 3 chales; Carcavelos, 1 chale; Lisboa, 1 chale, uma echarpe, uma colcha de berço em lã e algodão, 4 pegas, e 6 pares de soquetes. É uma senhora amiga da primeira hora, que pelos seus conhecimentos, nos arranja muitas encomendas durante o ano. Porto, 25 chales. Por intermédio do Sr. P.e Duarte, do Lar de Lamego, 3 deles; Lisboa, 4 passadeiras de trapo novo; Lourenço Marques, 2 colchas em lã e algodão, e uma carpeta; Alijó um tapete, 1 par de soquetes, e uma saca de guardanapos em crochet. São tão bonitas e custam apenas 10\$00. Novamente Lisboa, 3 chales, 4 camisolas e 2 camisas de noite. Temos muita popelina branca. Quem deseja peças de roupa, confecionadas com ela!...



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

PELAS CASAS

DO GAIATO



## Paço de Sousa

**SEMANA SANTA** — É, sem dúvida, uma Semana que exige e requer um ambiente repleto de espiritualidade, no que em geral, todos nós lutamos para vencer esse indispensável obstáculo, tão suave e tão cheio de felicidades.

E para nos encontrarmos mais facilmente, na sensibilidade do caminho real, e mantendo a tradição, tivemos os três primeiros dias da Semana, contactando com uma excelente preparação espiritual, na qual foi depositado em nós, desde os princípios desses três dias, a contribuição e auxílio do Sr. Padre

Carlos e do Sr. Padre José Maria. E que estes, por sua vez, resolveram dividir duas classes de rapazes: Os mais crescidos, para um lado, e os mais pequenos, para outro. E assim foram decorrendo os três dias, encarando-os com toda a seriedade, e com a responsabilidade que nos envolve em nós mesmos.

Deu-se que entrámos na Quinta-feira Santa com uma vida diferente, mais viva, mais perfeita e pura, e, possuidores de acções positivas, no nosso interior, sentindo-nos num nível mais abundante, que é aquele fim que nos pertence: a Santidade.

Também não quero deixar de relembrar que este ano as cerimónias da Semana Santa foram efectua-

das na nossa capela, e nos anos anteriores eram realizadas na Igreja Paroquial de Paço de Sousa.

**PÁSCOA** — Nesta quadra festiva, além da sua tendência espiritual, há sempre exteriormente aquela boa disposição, entusiasmo, e, emocionantes divertimentos na nossa malta, quer seja no campo de futebol, como na sala de jogos, enfim, mas eu revelo num sentido mais eficaz e mais nivelado do que é o nosso maior entusiasmo. É sim no refeitório, onde podemos apreciar melhor a concentração do entusiasmo, e dos momentos que são vividos em gritos de alegria.

Há dias fui chamado à atenção, para fazer este apelo, que é muito necessário em nossas casas.

E como não quis deixar passar em branco, peço aos nossos amigos leitores, se por acaso tiverem em seu poder, e não lhes faça falta, «um despertador». Que faz imenso jeito, principalmente nos nossos dormitórios.

Aqui fico, com o pensamento de que os leitores serão capazes de acolher esta necessidade, com o vosso imprescindível despertar.

António Ferreira Leite



## Uma Carta

«Não tem sido por esquecimento que não temos aparecido, mas apenas por impossibilidade material, derivado de muitas contrariedades, doenças, problemas de vária ordem, em nossa casa, e na nossa família.

E mesmo hoje a nossa contribuição é pequenina, mas é-nos impossível actualmente contribuir com mais. Contudo, meu Padre, vai com ela muito amor, e também algum sacrifício, visto que, em nossa casa não podemos falar em «supérfluo», pois actualmente é tudo, ou quase tudo, «essencial», e de «primeira necessidade». Porém a nossa contribuição, para os nossos amigos das Casas do Gaiato, está inscrita nas nossas despesas essenciais, de primeira necessidade, e por isso não podemos não cumprir o prometido. Talvez não possamos aparecer tão regularmente como queríamos, mas com a regularidade que nos for possível, apareceremos, e pedimos desculpa, desde já, se de alguma vez nos acontecer demorar mais.

E que Deus nos ajude a todos, para que a Obra de Pai Américo, Obra de Deus, Obra vossa e nossa, continue a crescer, e a despertar-nos a todos, a não nos deixar amolecer, apesar de todas as solicitações de mediocridade e egoísmo que há à nossa volta.

Deite-nos a sua bênção, a um casal muito amigo, que está ansioso por conhecer pessoalmente, «in loco», a vossa Obra, e que, se Deus quiser, nas férias do Verão, pensa fazer-vos uma visita, para aprender mais sobre o amor ao próximo, sobre o verdadeiro esquecimento em prol dos outros, ao serviço de Deus. Um ex-casal de noivos, muito vossos amigos»

São já conhecidos de todos nós estes noivos — que sempre o serão ao longo da sua vida de matrimónio, com uma tal disposição de almas.

Que bem me sabe neste «além do Tejo» onde estou vai para dois meses, esta carta vinda do Alentejo onde são raros os que nos amam com uma tal inteligência da Obra! É que me parece que o profundo conteúdo doutrinal da «Obra de Pai Américo, Obra de Deus, Obra vossa e nossa» ainda não foi descoberta nestas latitudes, em todo o seu poder de «despertador», «a não deixar amolecer», a evitar «as solicitações de mediocridade e egoísmo que há à nossa volta». Parece-me que para a maior parte deste Povo — Clero e Nobreza nele incluídos — a Obra da Rua antes conta como um organismo prestimoso de assistência do que como Obra de Deus a «despertar», a «não deixar amolecer», a ajudar à descoberta do «essencial», contra «todas as solicitações de mediocridade e egoísmo», mesmo as que se revestem de opas e deixam no engano de um piedosismo que não é essencial. Quantos prai em volta, preocupados com as suas almas e com a salvação das almas, já se aperceberam com nítida consciência, que é «por ela, pela alma dos nossos Rapazes, que os padres da rua sangram até ao fim» e receberam de Pai Américo o mandato de se «afligirem», de «porem a Mesa», de «chamarem ao Banquete» e de «chorarem se eles não quiserem vir. De chorarem os seus pecados!» — quantos?

Por isso, meus queridos noivos alentejanos, deixai que vos beije as mãos. E deitai-nos a vossa bênção — a bênção do vosso amor consciente, humilde, sacrificado, ansioso de mais e de melhor amor, «no esquecimento em prol dos outros, ao serviço de Deus».

Visado pela

Comissão de Censura

# FESTAS

## EM ABRIL

### Coliseu do Porto

dia 9 — às 18.30 h.

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

### Teatro Circo — Braga

dia 13 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro Circo.

### Teatro S. Pedro — Espinho

dia 17 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro.

### Cine Teatro Imperador — S. João da Madeira

dia 18 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

### Cine Teatro Famalicense — Famalicão

dia 19 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

### Cine Teatro — Santo Tirso

dia 27 — às 21.30

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

## EM MAIO

### Cine Teatro — Ovar

dia 2 — às 21.30

Bilhetes à venda: Estúdios Almeida; Casa Coelho, R. Elias Garcia, 43 e bilheteiras do Cine Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

tremenda responsabilidade de corresponder.

Sei que em Famalicão e Espinho e S. João da Madeira, lavra já a fogueira. Em Santo Tirso e Ovar nada há-de demorecer do que foi o ano passado. Braga e Guimarães, entraram já na tradição das nossas «praças». Oigo falar em Régua. Padre Duarte, do Lar de Lamego diz que sim. Júlio e João não dizem o contrário. E com eles o ser ou não ser.

No Sul, Amadora e o Monumental, também não hão-de desiludir os nossos Rapazes do Tojal. Santarém será a sua conquista deste ano. Há por lá corações jovens e amigos a trabalhar pelo bom êxito.

Setúbal não querará ficar atrás das outras terras do País, mormente as que têm no seu distrito uma Casa do Gaiato.

E os Rapazes desta Casa hão-de dizer a seu tempo, se é possível ou não cumprir uma «tourné» por algumas vilas próximas, como é seu desejo.

Só uma nota discordante até agora. Amarante é uma terra que tem correspondido maravilhosamente, quanto à Festa e quanto a tudo que brota da «Obra da Rua». Basta dizer que, depois do grito de Pai Américo «à cruzada», quando do lançamento do Património dos Pobres, foi Amarante a primeira que acudiu.

Pois eu julgava que o seu Cine Teatro tinha também como ponto de programa servir o Povo de Amarante, fornecendo um espectáculo de que ele gosta. E com muita pena nossa vamos deixar em «jejum» os amarantinos!



Três «batatinhas» de Paço de Sousa: Fernandito, Amândio e Armindo.